

## 5

### “Montação”: uma forma de expressão

Acabamos de sugerir que, na atualidade, existir significa ser visto, pois o mundo de hoje é habitado por imagens que bombardeiam nossas retinas. Mas como ser visto, ou melhor, como existir dentro das grandes metrópoles, onde nossos olhares são constantemente confundidos por inúmeras e concomitantes informações imagísticas?

Observamos que a tribo *Clubber* ou *Raver* achou uma forma de aparecer ou, talvez, de se vestir mais especificamente, em todo esse espetáculo. A forma encontrada foi a de “se montar”. Mas, o que significa isso e de onde veio esse termo?

*“Montada é assim, você faz seu cabelo, as maquiagens mais bizarras. Você compra as roupas e rasga, sapatos berrantes.” (A, 19 anos)*

Segundo Palomino em *Babado Forte* (1999), “se montar” é uma gíria que saiu do universo dos travestis de rua, em que “montada” é o homem travestido de mulher. O termo se generalizou para a vestimenta *Clubber* e passou a significar um modo de se adornar mais extravagante ou *fashion*. Mas não podemos esquecer que o excesso como norma de vestimenta sempre encontrou sua expressão suprema na figura das *Drag Queens*, que, sem querer ser confundidas com mulheres, reproduziam um espírito hollywoodiano, com perucas, muitos paetês e muitas cores berrantes, refletindo a estética do exagero e recuperando o *glamour* feminino. A “montação” da cena *Clubber* e *Raver* não pode, portanto, ser desligada da forte influência vinda do universo gay, de onde se originou, e da música eletrônica, como já vimos.

*“Busco inspiração nos meus amigos travestis. Eles buscam em mim e eu neles. Existe uma troca onde eles tentam se identificar porque eu sou mulher e eu por eles serem travestis e terem mais ousadia do que a mulher.” (G, 23 anos)*

*“Vejo como uma boneca mesmo. Uma boneca porque eu colocava roupas muito coloridas, chamando atenção como se eu fosse um holofote gritando: cor! Perucas, eu usava perucas, montagem tipo Drag Queen.” (J, 21 anos)*

*“Sofria influência de um amigo gay que sempre faz a amiga de boneca e eu tinha um assim. Botava peruca, roupa de boneca, saia curta com sapatos enormes.” (P, 22 anos)*

Supomos que, além da influência do universo gay, a “*Montação*” esconda algo mais revelador por trás de tantas plumas e paetês. Arriscamos dizer que “se montar” seja uma tentativa de dar conta do anonimato vivido muitas vezes nos grandes espaços urbanos. E essa “tribo”, bastante colorida e adornada, encontra nas *Drags* uma forma, totalmente pertinente, de aparecer e chamar atenção no meio da multidão, não somente nas cidades como também nas festas *Raves*. Conforme já foi discutido, as roupas servem para a comunicação numa cena onde tudo acontece no mesmo espaço e tempo. Nas festas *Raves*, esse dado fica mais explícito, pois a comunicação verbal é dificultada pelo grandioso som e pela quantidade de informações circulando, exigindo, dessa maneira, que a exterioridade grite por atenção, exigência esta cumprida à risca pela extravagância das roupas e acessórios. Eles clamam por um olhar, um reconhecimento no meio da multidão entre tanta informação.

*“Esta coisa de se montar é uma coisa de se comunicar mesmo e chamar atenção. Primeiro você está num lugar escuro e com música altíssima, então você não vai chamar atenção de outro jeito se não for se montando.” (L, 23 anos)*

*“Eu idealizava a roupa. Quando eu ia me montar procurava tudo no armário. Tudo que achava e encontrava na minha frente eu colocava porque eu saía realmente enfeitada, de gravata. Tudo demais.” (A, 19 anos)*

*“Um Clubber quando sai tem que ser uma montagem. Usa coisas neon e faz questão de estar sempre colorido. É demais, sempre over. Não consegue ser só mais um na multidão.” (M, 17 anos)*

Vivemos na sociedade do espetáculo, para a qual ver significa ser visto, olhar ser olhado. Depois de “montadas” essas pessoas atraem muitos olhares nas ruas. Mas, será que era essa a intenção? Como reagem àqueles olhares estranhos? De forma negativa? Mas não queriam eles esses olhares? Essas questões estão diretamente relacionadas ao público que “se monta”: adolescentes e *Drags*. Ambos necessitam de reconhecimento do grupo: os adolescentes por se encontrarem em uma fase de “crise” e formação de identidade, que será construída junto ao grupo; as *Drags* por serem um grupo à margem, que teme os olhares repressores e, assim, termina por usar essa estética “ousada” para atrair os olhares com outras conotações. Ambos os grupos usam de forma lúdica uma estética mais chamativa e, dessa maneira, atraem olhares, quem sabe?, mais curiosos do que preconceituosos.

*“Você pode receber aquele olhar de uma forma legal ou como uma repressão. Chega uma hora que cansa. É como ter vários piercings ou mostrar sua tatoo o tempo todo.” (M, 19 anos)*

*“Indiferença para mim, na época, mas acredito que no fundo eu estava gostando daqueles olhares. Hoje em dia percebo que aquela indiferença me fazia bem. Eu achava que estava indiferente mas no fundo estava curtindo aquela indiferença.” (A, 19 anos)*

*“Exatamente o contrário. Queria fazer isto e ninguém olhar para mim. É difícil você chamar atenção para você e ter que agüentar as conseqüências. Como ter cabelo roxo. Pode ser uma coisa legal mas pode se tornar mais um incômodo do que um prazer.” (M, 17 anos)*

Os discursos acima parecem paradoxais e nos levam a pensar numa frase de Anne Frank em seu diário: *“Sigo buscando a maneira de chegar a*

*ser o que seria capaz de ser se não houvesse pessoas no mundo.”* Essa frase, pura utopia, de um individualismo exacerbado, em que seria possível vivermos e nos reconhecemos enquanto humanos sem o outro, revela algo semelhante ao que esses sujeitos desejam. Eles buscam chamar a atenção, mas não gostam da atenção que recebem. “Se montam” com as roupas mais chamativas, porém não gostam quando os olhares se voltam para eles.

Não somente nas grandes cidades como também nas festas *Raves*, onde o que importa é o próprio umbigo, nada além. Sendo assim, como reagir quando me notam? Não sei, pois não estou acostumado com isso. Estou acostumado só comigo e não com os outros. Talvez, quando me visto, eu nem pense nos outros, mas em mim, somente em mim, no meu prazer e desejo.

*“Eu me visto assim e pinto meu cabelo para mim e para mais ninguém. Pela pura vontade de fazer.” (A e M, ambas 17 anos)*

*“Para mim é normal, como disse. Eu tenho estilo. É meu dia a dia, como se estivesse vestida para ir a faculdade. Porque eu sou diferente e as pessoas não são assim. As cabecinhas são de ostra.” (V, 29 anos)*

Em suma, nesse mundo habitado por imagens desejamos reconhecimento através de originalidade e ousadia, mas quando os olhares se voltam para nós, não sabemos muito bem o que fazer ou sentir, e, como visto, podemos até não gostar. Desse fato podemos supor que a “decoração” dos corpos, por mais adornados, pode não ter outra intenção além de o prazer individual. Realmente são tempos paradoxais, nos quais as roupas podem servir para dois propósitos diversos: Comunicar algo aos outros ou simplesmente dar nos prazer.

*“Eu era a mais montada e me sentia demais.” (A, 19 anos)*

*“Eu me acho legal assim. Não tem a ver com os outros.” (M, 17 anos)*